

## **CADERNOS DE ALUNOS EM FASE DE ALFABETIZAÇÃO: o que revelam sobre a letra imprensa minúscula?**

Alessandra da Silveira Amaral<sup>1</sup>

**Resumo:** Este artigo tem como objetivo analisar o uso da letra imprensa minúscula em cadernos de alunos em fase inicial de escolarização. Neste estudo, foram usados 53 cadernos de alunos do período de 1949 a 2015, salvaguardados em um Centro de Memória brasileiro (Hisales). A metodologia utilizada foi a operação historiográfica como uma produção do pesquisador que associa um lugar (social) com diferentes procedimentos de análises (práticas) e a construção de uma escrita. A análise possibilitou perceber diferentes denominações e a presença distinta da letra imprensa nos cadernos. Primeiro, no período de 1949 a 1977, a denominação *scritp* e o interesse em torná-la a escrita oficial, sendo que, nesse momento, se localiza no acervo cadernos, com o uso exclusivo desse tipo de letra. Segundo, no período de 1990 a 2015, quando a letra imprensa minúscula volta a aparecer no conjunto de cadernos dos alunos, porém, neste momento, somente utilizada em concomitância com outros tipos de letras. Esses momentos distintos em torno da letra imprensa minúscula, no espaço escolar, são marcados por diferentes debates de ordem histórica, pedagógico, política, social e econômica, que, de certa maneira, contribuem para que um determinado tipo de letra se estabeleça de forma hegemônica na escola.

**Palavras-chave:** letra imprensa minúscula; cadernos de alunos; alfabetização

### **STUDENTS NOTEBOOKS IN LITERACY: what they reveal about the lower case letter?**

**Abstract:** This article aims to analyze the use of the small print letter in notebooks of students in the initial phase of schooling. In this study, 53 student notebooks from 1949 to 2015 were consulted, kept in a Brazilian Memory Center (Hisales). The methodology used was the historiographical operation as a researcher production that associates a place (social) with different analysis procedures (practices) and the construction of a writing. The analysis made it possible to perceive different denominations and the distinct presence of the letter press in the notebooks. First, in the period from 1949 to 1977 the name *scritp* and the interest in making it the official writing, and at that moment notebooks with the exclusive use of this type of font are located in the collection. Second, in the period from 1990 to 2015, when the small print letter appears again in the set of students' notebooks, but at this time it is only used in conjunction with other types of letters. These different moments around the small print letter in the school space are marked by different historical, pedagogical, political, social and economic debates that in a way contribute to a certain type of letter being established in a hegemonic way at school.

**Keywords:** *scritp* letter; literacy; student notebooks.

---

<sup>1</sup> ação no curso de Pedagogia habilitação Anos Iniciais pela Universidade Federal do Rio Grande (FURG) e também especialização no curso de Educação Física Escolar pela Universidade Federal do Rio Grande (FURG). Mestre em Educação em Ciências pelo Programa de Pós Graduação Educação em Ciências: química da vida e saúde pela mesma universidade. Doutora em Educação no PPGE/FaE/UFPEL. Atualmente é professora na rede municipal de ensino na cidade do Rio Grande/RS; como coordenadora pedagógica. Tem experiência na área de Educação, atuando principalmente nos seguintes temas: juventude, corporeidade, infâncias, formação de professores, alfabetização, políticas públicas. É integrante do Grupo de Pesquisa História da Alfabetização, Leitura, Escrita e dos Livros Escolares (HISALES/FaE/UFPEL) e do Grupo de Estudo e Pesquisa em Alfabetização e Letramento (GEALI/FURG).

## CUADERNOS DE ALUMNOS EN FASE DE ALFABETIZACIÓN: ¿qué revelan sobre la letra imprenta minúscula?

**Resumo:** Este artículo tiene como objetivo analizar el uso de la letra imprenta minúscula en los cuadernos de los alumnos en la fase inicial de escolarización. En este estudio, 53 cuadernos de estudiantes de 1949 a 2015, guardados en un Centro de Memoria de Brasil (Hisales). La metodología utilizada fue la operación historiográfica como producción investigadora que asocia un lugar (social) con diferentes procedimientos de análisis (prácticas) y la construcción de un escrito. El análisis permitió percibir distintas denominaciones y la distinta presencia de la tipografía en los cuadernos. Primero, en el período de 1949 a 1977 se ubican en la colección el nombre script y el interés en hacerlo la escritura oficial, y en ese momento se ubican en la colección los cuadernos con el uso exclusivo de este tipo de fuente. En segundo lugar, en el período de 1990 a 2015, cuando la letra pequeña aparece nuevamente en el juego de cuadernos de los estudiantes, pero en este momento solo se usa en conjunto con otro tipo de letras. Estos diferentes momentos en torno a la letra imprenta minúscula en el espacio escolar están marcados por diferentes debates históricos, pedagógicos, políticos, sociales y económicos que de alguna manera contribuyen a que un determinado tipo de letra se instale de manera hegemónica en la escuela.

**Palabras-clave:** letra imprenta minúscula; cuadernos estudiante; alfabetización; enseñanza de la escritura; estudiante.

### Introdução

O debate sobre os tipos de letras (cursiva, imprensa minúscula e imprensa maiúscula), nos primeiros anos de escolarização da educação formal, acaba sendo recorrente na comunidade escolar, o que ocorre independente de seu tempo histórico. A discussão que está vinculada à temática da alfabetização acaba (re)surgindo e coloca em evidência qual tipo de letra é considerada a mais ideal a ser utilizada com os educandos que ingressam na escola, seja na Educação Infantil, seja nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental. Na segunda metade do século XX, autores como Santos (1953, 1957), D'Ávila (1955), Fontoura (1963) dedicaram, em seus manuais pedagógicos, orientações, sugestões sobre o uso de determinado tipo de letra para os alunos que iniciavam a escolarização. Na atualidade, Cagliari (1999), Moraes (2012), Soares (1996, 2001, 2016) são autores que, recorrentemente, problematizam a temática dos tipos de letras, principalmente, no processo de alfabetização. Isso demonstra que a discussão em torno dos tipos de letras é atemporal no campo da educação, pois está envolvida em relações de poder que se consolidam no espaço escolar.

Este artigo tem como objetivo analisar o uso da letra imprensa minúscula em cadernos de alunos em fase inicial de escolarização, que, no estado gaúcho, ganhou força e destaque a partir dos anos 1950, quando a principal denominação era *letra script*<sup>2</sup>. Para o desenvolvimento da pesquisa, a metodologia empregada supõe uma operação historiográfica (CERTEAU, 1982), inserida na relação de dois campos de conhecimentos: o da história da alfabetização e o da pesquisa sobre/com cadernos. Certeau (1982) define a operação historiográfica como uma produção do pesquisador que associa um lugar (social), com diferentes metodologias/procedimentos de análises (práticas) e a construção da escrita. CONFUSO

A pesquisa teve como principal fonte documental os cadernos de alunos que, de acordo com Gvirtz (1996, 2008), Chartier, A. M. (2007) e Viñao (2008), não são meros suportes físico e sim artefatos da cultura material escolar que registram muitas das propostas pedagógicas desenvolvidas na sala de aula, entre elas, os procedimentos adotados pelas professoras no desenvolvimento de determinadas atividades. Para o desenvolvimento da pesquisa, foram consultados e analisados 379 cadernos de alunos utilizados no período inicial de escolarização, que foca no ensino da leitura e da escrita, sendo todos eles utilizados em diferentes escolas e cidades do estado do Rio Grande do Sul. Desse montante, a letra imprensa minúscula esteve presente em 53 cadernos de alunos, em alguns, de forma exclusiva; em outro, em concomitância com outros tipos de letras.

Para compreender como foi se estabelecendo a permanência ou a mudança de um determinado tipo de letra no âmbito escolar, o conceito de cultura gráfica foi fundamental, pois, com ele, foi possível entender, entre outras coisas, que, na relação, letras x escola, estão em jogo vários discursos que, muitas vezes, estão além da instituição escolar. O estudo deste conceito fundamenta-se, principalmente, nas ideias de Petrucci (1986),

---

<sup>2</sup> A temática apresentada, neste artigo, faz parte de um estudo de doutorado, que teve o objetivo principal da pesquisa fazer um mapeamento das letras usadas nas classes de alfabetização de diferentes escolas gaúchas ao longo de 78 anos (1937 a 2015), periodização possível, considerando a documentação (cadernos de alunos) disponível em um acervo cadernos de alunos, do grupo de pesquisa História da alfabetização, leitura, escrita e dos livros escolares (Hisales) - cadastrado como grupo de pesquisa, desde 2006, pela professora Eliane Peres. Localizado na cidade de Pelotas/RS. É um centro de memória e pesquisa, constituído como órgão complementar da Faculdade de Educação (FaE) da Universidade Federal de Pelotas (UFPel). Atualmente, coordenado pelas professoras Dra. Eliane Peres, Dra. Vania Grim Thies e Dra. Chris de Azevedo Ramil.

Hébrard (2000) e Chartier R. (2002). A partir dos autores citados, foi possível, então, pensar que diferentes estratégias são estabelecidas para que um determinado tipo de letra se imponha e se mantenha como ideal no ensino das crianças quando as mesmas ingressam na escola.

O texto, a seguir, será organizado em quatro partes. A primeira **letra imprensa minúscula** em que serão apresentadas as principais denominações consideradas sinônimos da referida letra e, também, alguns documentos que ajudaram a compreender as principais discussões entorno da letra imprensa minúscula. A segunda parte definida como **Letra script/imprensa minúscula: exclusividade e concomitância** em que serão apresentados os cadernos referentes ao período de 1949 a 1977, um momento que a letra *script/imprensa minúscula* esteve em ascensão no estado gaúcho. A terceira - **Letra imprensa minúscula (1990 a 2015) – a retomada em concomitância com outros tipos de letras**, nessa, serão tratados os dados dos cadernos dos alunos articulados, principalmente, as discussões da chamada revolução conceitual (FERREIRO & TEBEROSKY, 2007) e políticas curriculares e programas de formação docente e alfabetização (PRÓ-LETRAMENTO, 2008) (PNAIC, 2012). E por fim, as considerações finais, pontuando as questões que emergiram sobre a pesquisa com caderno de alunos sobre a letra imprensa minúscula.

### **Letra imprensa minúscula**

A letra imprensa minúscula foi definida por Fontoura (1963) como “aquela em que as letras são separadas umas das outras, tal como acontece neste livro, e em todos os impressos, revistas ou jornais [...] data do século XVI com o surgimento da imprensa” (FONTOURA, 1963, p. 120). Após essa definição, cabe registrar que, no decorrer da pesquisa, foi sendo percebido que havia diferentes denominações para identificar a letra imprensa minúscula; essa pluralidade fora localizada nas fontes documentais que compuseram o estudo como, por exemplo, nos manuais pedagógicos, na Revista do Ensino/RS, nas políticas curriculares e nos programas de formação docente e alfabetização e, também, nos cadernos dos alunos. As denominações da letra imprensa minúscula variaram entre letra imprensa simplificada, letra imprensa, tipográfica e *script*,

em alguns casos, havendo pequenas alterações no traçado de algumas letras, como será apresentado mais adiante neste texto.

Como mencionadas, as denominações aparecem em documentos diferentes a tipográfica, por exemplo, foi localizada no manual pedagógico, do autor Fontoura (1963) e na Revista do Ensino, de 1958, no artigo intitulado “Métodos e processos de ensino da leitura e da escrita” (Outubro de 1958, p. 41/41), de autoria do professor Leodegário Amarante de Azevedo Filho, o qual sugere substituir a escrita do tipo cursiva pela tipográfica, por considerá-la mais fácil de traçar. A denominação *script* foi encontrada, apenas, em exemplares da Revista do Ensino (1959, 1960, 1961), do Rio Grande do Sul. Nos manuais pedagógicos consultados, tal nomenclatura não aparece, mais vale destacar que, nesses documentos, a segunda nomenclatura mais citada é o tipo de letra imprensa simplificado e letra imprensa, ambas citadas pelo mesmo autor nos manuais de 1953 e 1957b (SANTOS, 1953; 1957). No entanto, as denominações usadas por Santos estiveram presentes na Revista do Ensino; os autores dos artigos sugerem que são sinônimos da letra do tipo *script*, porém, quando tratam da imprensa simplificada, alegam sobre a necessidade de adaptar algumas letras, como, por exemplo, a letra ‘a’ e ‘g’ devido à complexidade dos traçados.

Nos cadernos dos alunos, houve também variações quando se tratava da letra imprensa minúscula, sendo os seguintes sinônimos: imprensa, tipográfica e letra de máquina. Todas as denominações, presentes nos cadernos do aluno como sinônimo da letra imprensa minúscula, foram contempladas tanto pelos manuais pedagógicos quanto pela Revista do Ensino. Sendo assim, a denominação imprensa aparece nos manuais de Santos (1953; 1957) e Brito *et al* (1957); a tipográfica, na Revista do Ensino (outubro de 1958) e no manual pedagógico de Fontoura (1963) e a última denominação, letra de máquina, aparece na Revista do Ensino (agosto e setembro de 1959).

Na atualidade, também foram consultadas políticas curriculares e programas de formação docente e alfabetização, entre elas duas, fizeram referência a letra imprensa minúscula. 1) Pró-Letramento: Programa de Formação Continuada de Professores dos Anos/Séries Iniciais do Ensino Fundamental: alfabetização e linguagem (2008), que a denomina como letra de forma; 2) Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa (PNAIC, 2012), que utiliza a nomenclatura imprensa minúscula.

Dito isso, é possível concluir que letra imprensa, imprensa simplificado, letra impressa, *script*, tipográfica ou forma referem-se ao mesmo tipo de letra e em oposição à manuscrita ou cursiva. É, pois, a letra que surgiu com a invenção da prensa por Gutemberg, que, em 1539, alcança o Novo Mundo (RODRIGUES, 2012) e, em um determinado momento, passou a ser ensinada na escola.

A seguir, serão compilados dois momentos da presença da letra imprensa minúscula nos cadernos dos alunos, primeiro, no período de 1949 a 1977, com ênfase à denominação *scrip* e ao interesse em torná-la a escrita oficial, sendo que, nesse momento, se localiza no acervo cadernos com o uso exclusivo desse tipo de letra. Segundo, no período de 1990 a 2015, quando a letra imprensa minúscula volta a aparecer no conjunto de cadernos dos alunos, porém, neste momento, somente utilizada em concomitância com outros tipos de letras, marcando um discurso que se instaurava, no Brasil, a partir dos anos de 1980, com a chegada da psicogênese da língua escrita<sup>3</sup>.

### **Letra *script*/imprensa minúscula: exclusividade e concomitância**

Neste momento, serão tratados os cadernos de alunos em que a letra imprensa aparece, pela primeira vez, no acervo, ora em concomitância com a letra cursiva, ora de forma exclusiva, ou seja, como escrita oficial e predominante. Esses cadernos datam de um período bastante específico, qual seja, final dos anos 1940, até os anos de 1970. Para o período, constavam, no acervo, 27 cadernos<sup>4</sup> de alunos; desses, 09 usaram, exclusivamente, a letra imprensa minúscula e 06 em concomitância com a cursiva, sendo assim, a referida letra esteve presente em 15 cadernos de alunos. Destaca-se que, embora, quantitativamente, pareça ínfima, esses cadernos e os registros neles identificados, no que tange ao tipo de letra, é bastante revelador. Como se discutirá a seguir, outros estudos

---

<sup>3</sup> O primeiro livro foi lançado, no Brasil, em 1985, sendo considerado um marco no campo da alfabetização, contribuindo para uma chamada revolução conceitual na referida área. As autoras argentinas Emília Ferreira (psicóloga e pedagoga) e Ana Teberosky (pedagoga e doutora em psicologia), baseadas nos estudos do suíço Jean Piaget, propõem “[...] deslocar a questão central da alfabetização do ensino para a aprendizagem: partiu não de como se deve ensinar e sim de como de fato se aprende.” (WEISZ, 2007, p. ix). A proposta delas, também, rompe com a noção de pré-requisitos para a alfabetização, conhecidos como “prontidão”.

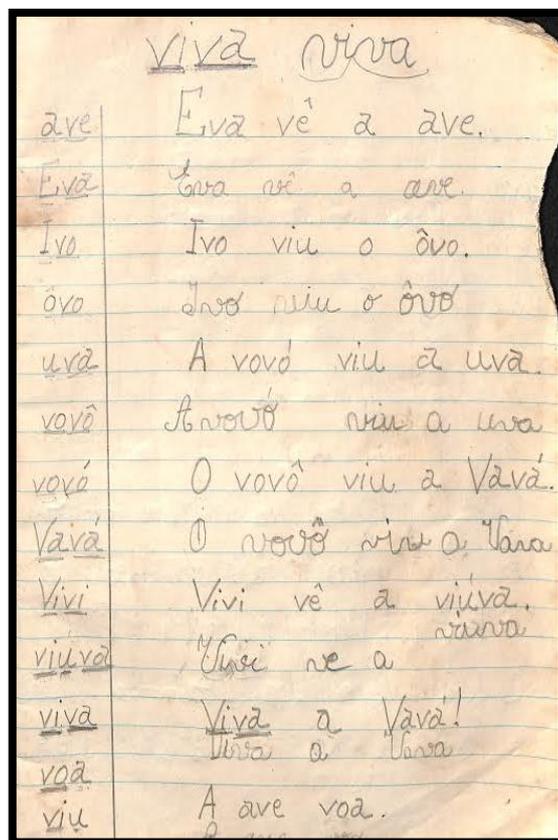
<sup>4</sup> Sendo, 12 cadernos de alunos com uso exclusivo da letra cursiva.

já indicaram o uso da letra *script*/imprensa minúscula e seu significado na escola primária gaúcha. No entanto, mesmo que a expressividade quantitativa desses cadernos não seja tão significativa, é importante trazê-los para a discussão pelo fato de eles estarem relacionados a um período de fortes discussões sobre o ensino de diferentes tipos de letras no estado gaúcho, com ênfase para o uso da letra *script* nas escolas. Nesta seção, será utilizada a forma “*script*/imprensa minúscula” em concordância com o período histórico, pois, na literatura da época, a denominação mais recorrente era a *script*.

Nos cadernos em que aparece o uso dos dois tipos de letras, há atividades que são bastante recorrentes, as quais são utilizadas para a transcrição de frases e palavras de um tipo de letra para o outro, ora cursiva/*script*, ora *script*/cursiva. Também, aparecem, nos cadernos, frases e atividades de ligar palavras com letras diferentes que têm a proposta de fazer com que o aluno reconheça ou utilize os dois tipos de letras.

A seguir, é apresentado o primeiro caderno do ano de 1949, em que a letra *script*/imprensa minúscula aparece em concomitância com a letra cursiva. Nota-se que ambas são utilizadas, simultaneamente, com a intenção de o aluno aprender a traçar os dois tipos de letras simultaneamente.

**Figura 1** – Apresenta o primeiro caderno com a concomitância das letras *script*/imprensa minúscula e cursiva. Fonte: Disponíveis no Acervo caderno de alunos do Centro de Memória Hisales.



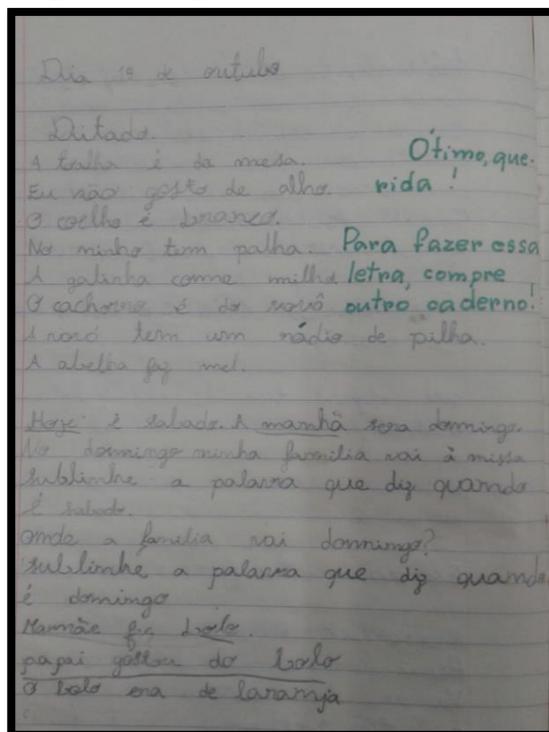
No conjunto de cadernos, com o uso exclusivo da letra *script*/imprensa minúscula, há a presença de muita cópia - seja de letras, sílabas, palavras e frases -, principalmente, com o objetivo de encher linha. Sendo assim, encher linha, copiar várias vezes a mesma letra, sílaba ou palavra poderia servir para duas tarefas: em primeiro lugar, para memorização; em segundo, para ajudar na destreza em desenvolver o traçado das letras, ou seja, auxiliavam no treino da mão, dos dedos e do corpo do aluno que estava ingressando no processo de escolarização. Como ressaltam as autoras Bastos e Stephanou (2008), havia uma concepção de que, para se atingir uma boa letra, era necessário treino e disciplina, pois somente pelo esforço e dedicação chegariam ao traçado ideal.

Sendo assim, quando se percebe a presença dessas atividades que foram sendo anunciadas no parágrafo anterior, entende-se que não está sendo considerada somente a importância de aprender a escrever, mas também a ênfase para traçar as letras, as palavras

e adquirir uma boa letra, elegante e bonita. Em alguns dos cadernos com o uso exclusivo, da letra *script*, nota-se que houve a adaptação de algumas letras, como, por exemplo, a letra “a” pela “ɑ”, pois o traçado dessa letra, no formato *script*, acabava sendo considerado mais complexo e difícil de traçar por mãos ainda em treinamento. No entanto, cabe informar que a sugestão de adaptação das letras surgiu a partir das orientações do comunicado do Centro de Pesquisa e Orientação Educacional/CPOE (1959), como será apresentado mais adiante no texto. A intenção era de incentivar o uso da letra do tipo *script*, mas tendo a precaução de alertar sobre as dificuldades de traçar algumas letras que poderiam ser adaptadas, o que demonstra que, nesses casos, as professoras gaúchas seguiram as sugestões do órgão responsável sobre a recomendação do tipo de letra a ser utilizada nas classes de alfabetização, principalmente, sobre a sugestão da troca de determinadas letras

Um caderno do ano de 1968 chamou bastante a atenção, pois a exigência da exclusividade da letra *script*, no caderno, acaba sendo bem demarcada. A escrita, que consta nele, ocorre em *script*, sendo que, em um determinado momento, quando a aluna escreve com a letra cursiva, que era proibida pela docente, como pode ser observado na imagem a seguir.

**Figura 2** – Apresenta cadernos com o uso da letra *script* com destaque para a orientação da professora para não utilizar a letra cursiva.



**Fonte:** Disponíveis no Acervo caderno de alunos do Centro de Memória Hisales.

Na Figura 02, o destaque da professora, em caneta verde hidrocor, que, inicialmente, elogia o trabalho da aluna com a frase “Ótimo, querida!”, chama sua atenção pela continuidade do recado: “Para fazer essa letra, compre outro caderno!”. Sendo assim, fica evidente a importância atribuída ao uso exclusivo da letra *script* no caderno de aula, que frisa sobre não usar outro tipo de letra no caderno de aula. A letra do tipo *script* também é a letra utilizada pela professora, como é possível perceber na imagem acima. Nesse caso, destaca-se a cultura gráfica, mas, especificamente, o que Petrucci (2002) define como “modo autoritário”, pois fica registrada a manifestação da professora que estipula o que aceita ou não sobre a escrita, sendo assim, a professora acaba sendo uma autoridade da escrita escolar.

Conforme Petrucci (1986), Hébrard (2000) e Chartier R. (2002), para compreender a cultura gráfica, é importante discorrer sobre as discussões que estavam circulando na época, principalmente, a partir de instâncias consideradas de grande influência no meio educacional. No estado do Rio Grande do Sul, algumas discussões

começavam a ganhar força e circulação, principalmente, pelos comunicados e pelas reportagens de dois importantes veículos de informação: o Centro de Pesquisas e Orientação Educacional – CPOE/RS e a Revista do Ensino, ambos defendiam a necessidade de modernizar o ensino da escrita nas escolas primárias. Para isso, era preciso investir em um tipo de letra considerada mais “moderna”, como, por exemplo, a *script*, pois era ela que se aproximava aos caracteres da máquina de escrever.

O citado Centro adquiriu relevância no contexto educacional gaúcho, sendo considerado “[...] o lugar de referência dos saberes pedagógicos” (PERES, 2003, p. 68). O CPOE divulgava, por meio de documentos (comunicados, boletins, circulares, cursos, entre outros), o que estimava ser inovador e primordial para o bom desenvolvimento da educação das classes pré-primária, primária, especial, supletiva, rural e normal. Sendo assim, o CPOE/RS

[...] procurou organizar e controlar o processo escolar desde a sua fase inicial até a fase final, uma vez que previa, em primeiro lugar, as determinações em relação à organização das classes; em segundo, a orientação do ensino (que supõe questões relacionadas ao *quê* e *como* ensinar) e, por fim, o controle do rendimento escolar (com a implantação do sistema de provas objetivas para todas as escolas gaúchas estaduais). (PERES, 2003, p. 78, grifos do autor).

Dessa maneira, o CPOE/RS passa a ser responsável pela organização, orientação e controle de, praticamente, todo o sistema gaúcho de ensino. Ao longo da sua atuação, o Centro foi referenciando com o que considerava de mais moderno para a escolarização gaúcha e, nessa configuração, enfatizava a importância da caligrafia e da escrita em geral. Logo, a escrita *script* estava associada a uma escrita moderna, pois focava nos caracteres da máquina de escrever.

Interessante destacar que a denominação *script* não aparece nos manuais pedagógicos consultados na pesquisa, mesmo assim, optou-se por ela, pois, conforme Peres (2003, p. 87), no estado do Rio Grande do Sul, a partir do comunicado da CPOE, ficou definido que “a *script* é a imprensa simplificado, com as letras ‘a’ e ‘g’ modificadas. Inalteráveis são os traços básicos das letras em retas, círculos e semicírculos”. Nesse mesmo comunicado anunciado por Peres (2003), são divulgadas as vantagens do ensino da letra do tipo *script*, tendo como referência trabalhos desenvolvidos com sucesso em

escolas inglesas e suecas. No comunicado n.04, de agosto de 1959, intitulado A Escrita Tipo “*Script*”, nos Primeiros Anos da Escola Primária, assinado pela professora Dorothy Fossati de Vasconcelos Moniz (Orientadora do ensino primário); são elencados nove itens defendendo as vantagens do uso e do ensino da letra *script*:

- 1) As letras de forma são mais simples que a cursiva.
- 2) É semelhante aos desenhos com que estão familiarizadas as crianças.
- 3) O “*script*” emprega o mesmo alfabeto que as crianças encontram nas leituras e elimina, assim, o gasto de energias e a confusão de ter de aprender as duas formas de cada letra.
- 4) As crianças podem aprender a expressar as idéias sobre o papel com mais rapidez se utilizarem a escrita “*script*”, de modo que em seguida adquirem certa satisfação.
- 5) Há menos fracassos.
- 6) Na aprendizagem da escrita “*script*” há menos tensão dos olhos e é menor a possibilidade de cansaço físico que a aprendizagem da escrita cursiva.
- 7) A escrita “*script*”, ao facilitar a expressão escrita, estimula o espírito criador.
- 8) A clareza da escrita “*script*” tende a criar segurança emocional.
- 9) A escrita “*script*” está adaptada ao desenvolvimento muscular motriz das crianças da escola primária. (CPOE. Comunicado nº 4. Revista do Ensino nº 62, agosto de 1959, grifos do autor).

No mesmo comunicado, são enumerados apenas quatro itens sobre as desvantagens do uso do tipo *script* na escolarização inicial das crianças:

- 1) As crianças podem ter dificuldades na mudança de letra, ao passar para a cursiva e prejudicar, com isso, o rendimento de aprendizagem.
- 2) Muitas crianças que aprendem a escrita “*script*” têm dificuldades para ler a escrita cursiva.
- 3) Alguns críticos da escrita “*script*”, opinam que ela oferece menos oportunidades para um estilo individual que a escrita cursiva.
- 4) Os pais, as vezes, preferem a escrita cursiva e insistem na sua aprendizagem. (CPOE. Comunicado nº 4. Revista do Ensino nº 62, agosto de 1959, grifos do autor)

A partir desses itens, é possível perceber o interesse em apresentar as vantagens da letra do tipo *script*, incentivando, assim, sua implementação no cotidiano da escola, pois, conforme foi dito, ela estaria mais próxima da realidade das crianças, uma vez que o formato das letras é semelhante aos desenhos. Além disso, argumentavam ser o tipo de letra que a criança teria mais contato, uma vez que ela é mais recorrente nos livros de

leitura e ganhava mais evidência na sociedade da época com o uso da máquina de escrever.

As desvantagens do uso e o ensino desse tipo de letra não são apresentadas no comunicado, sendo, apenas, abordados em contraponto à cursiva, o que permite a compreensão de que a escrita *script*, por si só, não apresenta problemas, mas vantagens em comparação à letra do tipo cursiva.

Um mês após esse comunicado, em setembro de 1959, foi lançada na Revista do Ensino a reportagem intitulada A escrita, no primeiro ano de escolaridade, também, assinada pela professora Dorothy Fossati de Vasconcelos Moniz, orientadora do ensino primário. Na reportagem, há o reforço da vantagem do ensino da letra *script* ou imprensa simplificada, destacando que, desde o “[...] 1º encontro de contato com as crianças de escrever o que necessitar com a escrita “tipo-escrita” ou *script*, o que já lhe constituía um treino” (REVISTA DO ENSINO, nº 6, setembro de 1959, p. 42).

No texto, a autora recomenda que, ao aderir a esse tipo de letra, deve-se ter o cuidado para que todos os materiais (cartaz, quadro, caderno, cartilha etc.) usados, na sala de aula, tivessem a mesma letra para que a criança conseguisse desenvolver uma uniformidade na escrita.

O artigo é mais didático do que o comunicado, focando no ensino efetivo do tipo de letra *script*, como, por exemplo, apresentando sugestões de exercícios para a fase preparatória, atividades iniciais que deveriam ser realizadas, importância da professora em registrar tudo na sala de aula com a letra do tipo *script*, cuidado da escolha da cartilha a ser utilizada para a aprendizagem da leitura e da escrita, pois há cartilhas que utilizavam somente a escrita cursiva, e essas deveriam ser utilizadas pelas professoras como guia e/ou orientação do seu fazer pedagógico, logo o aluno não deveria ter contato outro tipo de letra que não fosse a *script*. Já sobre o método de ensino, a orientação era de que a escolha ficasse a cargo da professora, pois, conforme a autora da reportagem, o tipo de letra *script* é, apenas, uma maneira diferente de escrever e independe do método de ensino a ser desenvolvido.

Na década de 1960, também, havia a intenção de promover o ensino desse tipo de letra no ensino inicial de escolarização dos alunos, mas referindo a experiência de professoras que atuavam em salas de alfabetização. A Revista do Ensino, de 1969,

publicou o artigo intitulado “A escrita na escola primária”, de autoria de Doris Ramos de Mota, Vera Paes Leite e Neusa Junqueira Armellini, todas professoras do Curso Primário de Aplicação da Escola anexa do Instituto de Educação de Porto Alegre/RS. No artigo, elas relatam suas práticas, na sala de aula, com os alunos em fase de alfabetização e justificam o uso da letra *script* nos seguintes termos:

IV O Por que da realização do nosso trabalho - Nossos alunos iniciam sua aprendizagem de escrita, utilizando-se da letra *script*. Justifica tal posição o fato da aprendizagem da “*script*” reduzir o esforço físico da criança, porque não apresenta os complexos movimentos e ligações da cursiva (MOTA; LEITE & ARMELLINI, nº 123, 1969, p. 16).

A partir desse excerto, fica evidente a utilização da letra *script* nas classes de alfabetização gaúchas justificando-se pelo menor esforço na execução do traçado de mãos ainda não tão habilidosas. Contudo, vale ressaltar que no eixo Rio de Janeiro/ São Paulo o incentivo ao uso escolar a esse tipo de letra já estava acontecendo desde a década de 1940. Pfromm Neto registra que “[...] as escolas brasileiras passam a introduzir o ensino da letra *script*, a partir das orientações de Norberto de Souza Pinto” (PFROMM NETO *apud* STEPHANOU & BASTOS, 2012, p. 120).

No Rio Grande do Sul, segundo Peres (2003), um dos argumentos em defesa da letra *script*, utilizados pelo CPOE, era a tentativa de imitar a letra tipográfica (caracteres da máquina de escrever). Nesse caso, “a orientação para o uso da letra *script* nesse período baseava-se naquilo que eram consideradas suas vantagens: legibilidade, nitidez, facilidade de aprendizagem, semelhança com a letra de imprensa, simplicidade e beleza” (PERES, 2003, p. 87). Dessa maneira, é plausível afirmar que a tecnologia da época acabou influenciando o ensino das letras nas escolas gaúchas, pois era necessário aproximar a criança desde cedo ao que se tinha de mais moderno, a máquina de escrever. Interessante destacar o discurso em torno da letra *script*, uma vez que há, nele, uma dimensão social, na qual se enfatiza o uso daquele tipo de letra no cotidiano das crianças e dos futuros adultos e trabalhadores. É preciso lembrar, como enfatizou Petrucci (1995, 2002), que o tipo de letra utilizada pelos sujeitos indicava, entre outras, o seu grau de instrução e, também, a sua posição social.

Como foi apresentado até o momento, havia discursos que circulavam, no estado

do Rio Grande do Sul, incentivando o uso da letra *script*. Nesse sentido, ganhava intensidade a disputa entre dois tipos de letras, a *script* e a cursiva. Desse modo, a cursiva deixa de ser a única letra identificada tanto nas discussões vigentes quanto nos cadernos consultados na pesquisa, 1949 a 1977, caderno do último ano em que a letra *script* é identificada como tendo uso exclusivo.

Até aqui, foram sendo apresentados alguns excertos divulgados por centros/órgãos que marcaram o ensino gaúcho, até por volta da década de 1970; neles, foi possível notar o esforço das técnicas educacionais em demonstrar e convencer as professoras sobre as vantagens do uso da letra do tipo *script*. Assim, no conjunto de cadernos que compõe esse estudo, fica evidente a presença do tipo de letra *script*, demarcando que ela fez parte de diferentes classes de alfabetização do estado gaúcho.

Diante disso, a exclusividade da letra *script* e/ou a concomitância dela com a cursiva até a década de 1970 colocam em questão a hegemonia da letra do tipo cursiva. Sendo assim, a letra do tipo cursiva, até então predominante nos cadernos dos alunos, passa a dividir espaço com a *script*, isso ocorreu devido às discussões da época que atribuía significado positivo ao tipo *script*, o que era incentivado pelas autoridades gaúchas naquele momento. No entanto, a partir do final da década de 1970, a letra *script* cai em desuso, deixando de ser estimulado pelas professoras especialistas, logo isso reflete nos cadernos dos alunos que passam a não utilizá-la.

Para entender o desaparecimento da letra *script* no final da década de 1970, é preciso retomar alguns aspectos da política educacional do Rio Grande do Sul, na primeira metade do século XX. Como foi exposto, nos cadernos usados entre os anos de 1949 (quando aparece a primeira vez a letra *script* mas em concomitância com a cursiva e não de forma exclusiva) a 1977, houve o esforço para que as escolas gaúchas empregassem, nas suas turmas de alfabetização, o uso da letra do tipo *script*, principalmente, pelo empenho do CPOE/RS e de sua forte influência no contexto educacional do Estado. No entanto, o Centro não conseguiu se estabelecer por muito mais tempo, com o golpe militar de 1964 e, a partir dele, precisou ser reformulado várias vezes, encerrando suas atividades em 1971 (PERES, 2000; QUADROS, 2006). Com o fim das atividades do CPOE/RS, é possível dizer que a defesa sobre o tipo de letra *script* enfraqueceu no Estado.

Contudo, destaca-se que não foi localizado, no acervo, mais nenhum caderno com o uso exclusivo da letra *script*, porém ela volta a aparecer a partir dos 1990, mas somente em concomitância com outras letras, como será tratado a seguir.

### **Letra imprensa minúscula<sup>5</sup> (1990 a 2015) – a retomada em concomitância com outros tipos de letras**

Neste segundo momento, de 1990 até 2015, será tratado o retorno<sup>6</sup> do uso da letra imprensa minúscula nos cadernos dos alunos, nota-se no acervo que compôs esta pesquisa que a letra imprensa minúscula apenas é usada junto com outra tipologia. Ela volta a ser utilizada no período inicial de escolarização, porém não como escrita exclusiva ou predominante, mas como uma maneira de fomentar o traçado dos diferentes tipos de letras. Nesse período, contabilizou-se a presença da letra imprensa minúscula em 38 cadernos de alunos. Sendo que o uso simultâneo ocorreu de três formas distintas: i) cadernos de alunos com a letra imprensa minúscula e a cursiva; ii) cadernos de alunos com a letra imprensa minúscula e imprensa maiúscula e iii) cadernos de alunos com os três tipos de letras.

Nesses cadernos, foram encontradas algumas atividades recorrentes, como, por exemplo, transcrição de um tipo de letra para outra, reescrita de palavras soltas, frases e textos, ligação de palavras iguais com tipos de letras diferentes, entre outros, passando por cima dos diferentes traçados pontilhados<sup>7</sup>. Nas páginas dos cadernos, fica evidente o esforço em tornar a criança apta a escrever com os diferentes tipos de letras. A seguir, uma imagem de um caderno de 1992 que auxilia a compreender o papel da professora no processo de aprendizagem da escrita, do traçado desejado ou considerado mais correto para um determinado tipo de letra.

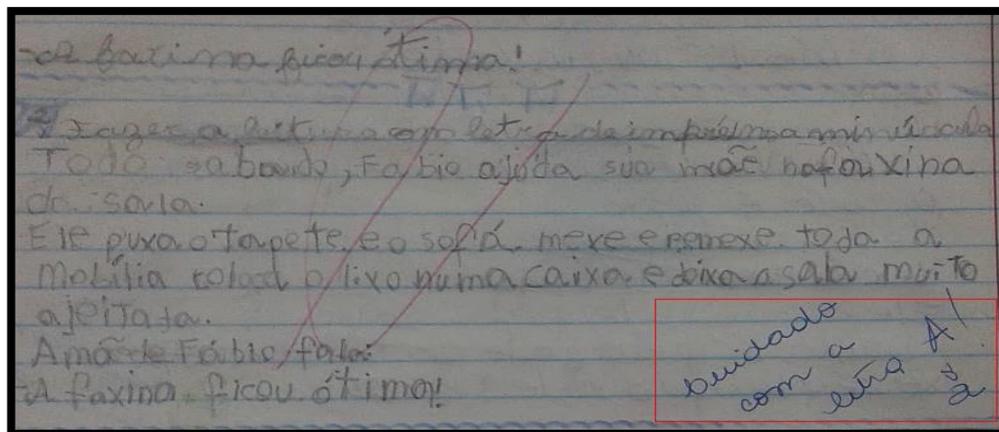
---

<sup>5</sup> A partir desse momento, fica registrado que a nomenclatura imprensa minúscula foi utilizada pelas autoras da chamada revolução conceitual da alfabetização (FERREIRO & TEBEROSKY, 2007; GROSSI, 1990) devido a isso, a pesquisa também optou pela mesma denominação, mesmo havendo políticas curriculares e programas de formação docente e alfabetização em que são utilizadas outras denominações como, por exemplo, a letra de forma (PRÓ-LETRAMENTO, 2008).

<sup>6</sup> Na análise dos dados, percebeu-se que, no período de 1979 a 1989, em todos os cadernos de alunos que foram consultados no acervo, houve a exclusividade da letra cursiva, por isso que os anos 1990 marcam a retomada da letra imprensa minúscula e o aparecimento da imprensa maiúscula.

<sup>7</sup> Essas atividades estão relacionadas às concepções de alfabetização consideradas tradicionais, com ênfase para os métodos sintéticos e analíticos (MORTATTI, 2000).

**Figura 3** – Apresenta cadernos com o uso da letra imprensa minúscula e cursiva com destaque para a orientação da professora.

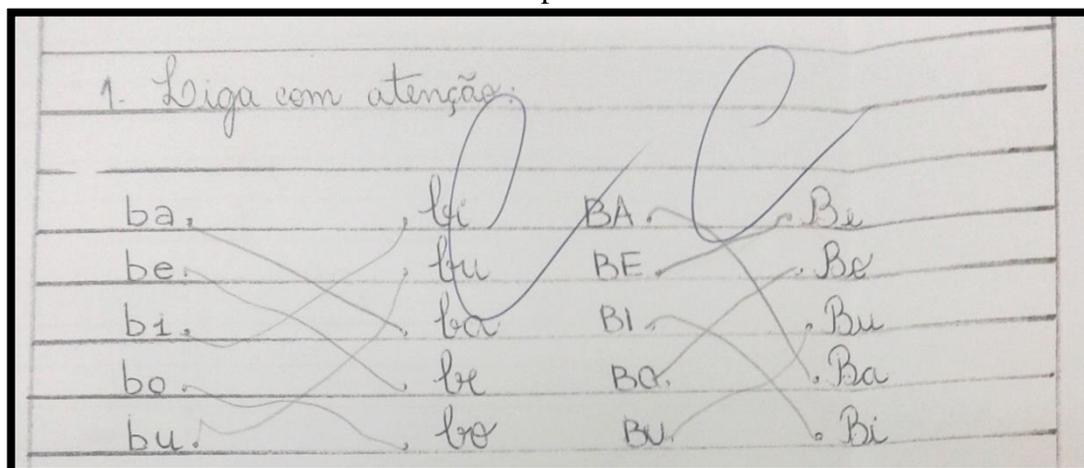


**Fonte:** Disponíveis no Acervo caderno de alunos do Centro de Memória Hisales.

Em páginas anteriores do caderno, da figura 03, a docente faz a interferência corrigindo por cima da letra, porém, na imagem acima, não há essa ação, mas o destaque para a frase registrada, no canto inferior direito da folha, “Cuidado com a letra A – a!”. Especificamente, na atuação da professora no caderno da criança, fica registrado que, ao ensinar o tipo de letra imprensa minúscula, a docente insistia para que o traçado fosse realizado da melhor maneira possível.

Para finalizar, um caderno de 2015, em que são utilizados os três tipos de letras. No entanto, nem sempre enaltecendo a escrita do aluno, mas o reconhecimento dos diferentes traçados.

**Figura 4** – Caderno com a presença dos três tipos de letras – cursiva, imprensa minúscula e imprensa maiúscula.



Destaque para o enunciado da atividade “liga com atenção:”, o que já demonstra que, para realizá-la, será preciso mais cuidado por parte do aluno/a. Sendo assim, trata-se de uma atividade de ligar as sílabas escritas pela professora nos diferentes tipos de letras. Neste caderno, também, se encontrou esse mesmo tipo de atividade com as outras famílias silábicas. O uso dos três tipos de letras, nos cadernos dos anos 1990, demonstra que já começava haver a preocupação em tornar as crianças familiarizadas com os diferentes traçados, desde sua chegada à escola. Nos cadernos do acervo consultado para esta pesquisa, nos anos 2000, essa preocupação parece mais perceptível, começa a surgir mais cadernos que utilizaram os três tipos de letras.

O uso de diferentes tipos de letras foi pauta de discussão de algumas políticas públicas de alfabetização para as crianças que ingressavam nos primeiros anos de escolarização. O documento de 2008, que deu bases para as discussões e orientações do Pró-Letramento, cita a letra imprensa minúscula, também conhecida como letra de fôrma minúscula. Ao citá-la, o documento faz referência aos defensores do método analítico que a propõe, pelas suas características e pela facilidade de compreender a sua configuração gráfica que permite que o aluno perceba a escrita das palavras com traçados ascendentes e descendente, ou seja, letras que seguem como marco a linha do caderno e que precisam ser traçadas para cima ou para baixo. Conforme os estudiosos do método, esse movimento para cima ou para baixo, na linha, daria mais noção de como deve ser realizada a letra, pois, para fazê-la, precisava-se seguir algumas orientações.

Outro documento que, também, apresentou discussões sobre a letra imprensa minúscula foi o oriundo da política pública Pacto Nacional pela Alfabetização da Idade de Certa de 2012. Na unidade 3, denominada “A apropriação do sistema de escrita alfabética e a consolidação do processo de alfabetização”, está registrado que:

Depois de que as crianças já tiverem compreendido o funcionamento do SEA, isto é, quando já tiverem construído uma hipótese alfabética, deve-se investir sistematicamente na apresentação de outros tipos de letra, como a de imprensa minúscula e a cursiva maiúscula e minúscula, que são usadas em diferentes gêneros textuais, em diferentes situações sociais de leitura e de escrita. As letras de imprensa maiúsculas e minúsculas são usadas em diferentes materiais impressos que circulam na sociedade (jornais, revistas, livros, etc.) aos quais a criança é exposta em situações de leitura diversas. (MEC/BRASIL, ANO 2, UNIDADE 3, 2012, p. 17).

Assim como na letra cursiva, a orientação para o uso da escrita em imprensa minúscula recebe a mesma recomendação, ou seja, de ser iniciada somente quando a criança já se encontrasse em um nível alfabético. Porém, desde o primeiro ano de escolarização, o aluno já pode entrar em contato para reconhecer as diferentes letras.

Sendo assim, é possível afirmar que as autoras Ferreiro, Teberosky (2007) e Grossi (1990) defendem que, na alfabetização, deva-se oportunizar às crianças o contato com a diversidade de caracteres, entre eles, a letra do tipo imprensa minúscula, porém deixando que a criança escolha o tipo de letra que mais lhe agrada. Conforme Petrucci (1999) e Chartier R. (2002), para compreender a cultura gráfica de uma época, é importante tentar conhecer o que sujeitos considerados influentes propunham e pensavam sobre a presença e a permanência de determinado tipo de letra, pois, a partir de seus ditos e escritos, é possível entender porque ela ganha espaço ou desaparece. No caso da pesquisa em questão, as considerações acerca do contexto da época demonstram que, a partir dos anos 1980, devido à chegada dos estudos psicogenéticos no Brasil, houve a defesa por parte dos estudiosos da alfabetização da inclusão da diversidade dos tipos de letras, mas levando em consideração a escolha do educando no ato de escrever. Sendo assim, pode-se supor que as orientações sobre o uso dos diferentes tipos de letras presentes, tanto no momento da chamada revolução conceitual como nos documentos das políticas públicas de alfabetização do final dos anos de 1990 e começo dos anos 2000, vão se efetivando ao longo dos tempos.

### **Considerações Finais**

Os dados que foram apresentados, neste artigo, são referentes a 53 cadernos de alunos que constam no acervo do Centro de Memória Hisales. Neles, pode-se perceber que a letra imprensa minúscula foi um tipo de escrita recorrente no processo inicial de escolarização. De maneira geral, a *script*/imprensa simplificada, imprensa minúscula, primeiro, surgiu de forma concomitante, em 1949, posteriormente, de forma exclusiva e concomitante, para os anos de 1960 e 1970. Ela que, inicialmente, apareceu dividindo espaço com a letra cursiva, logo ganhou a exclusividade em alguns cadernos de alunos. No entanto, cabe recapitular que, no momento inicial da sua presença nos cadernos dos

alunos, havia uma discussão forte no estado do Rio Grande do Sul em defesa da sua inserção no espaço escolar (PERES, 2003), isso foi localizado nos comunicados do CPOE e, também, na Revista do Ensino, e seu uso pode ter perdido força devido ao encerramento das atividades do Centro de Pesquisas e Orientação Educacional (QUADROS, 2006) e de mudanças na compreensão do processo de alfabetização. Outro dado destacado é que, nessa ocasião, a nomenclatura mais usual era letra *script* ou imprensa simplificada, o que as diferenciava, no caso gaúcho, era, fundamentalmente, os traçados das letras “a” e “g”, o que, também, foi verificado nos cadernos dos alunos.

A concomitância das letras *script*/imprensa minúscula apareceu, na pesquisa, em dois momentos. No primeiro, os cadernos de 1949 a 1973 sob a discussão advinda da modernização da escrita, principalmente, fomentada pelo CPOE, órgãos do estado do Rio Grande do Sul e, em determinados momentos, divulgada pela Revista do Ensino. No segundo momento, os cadernos desse conjunto, que foram utilizados entre os anos de 1990 a 2015, foi possível constatar que os registros estavam relacionados às discussões oriundas da revolução conceitual relacionados ao ensino da leitura e da escrita em que as autoras Ferreira e Teberosky (2007) expõem a importância de ofertar uma diversidade de caracteres, de tipos de letras, com a finalidade de proporcionar as crianças o direito de escolha. Assim, quando se trata do ato de escrever, as referidas autoras sugerem que o tipo de letra imprensa minúscula não é escolhido pelas crianças, o que pode ocorrer devido à complexidade do traçado de algumas letras. A argumentação sobre o uso de diferentes tipos de letras, no período inicial de escolarização, também, foi defendida nas políticas públicas para a alfabetização de crianças (PRÓ-LETRAMENTO, 2008) (PNAIC, 2012), o que foi percebido nos cadernos dos alunos que compuseram a pesquisa.

## Referências

BASTOS, Maria Helena Camara; STEPHANOU, Maria;. Traçar letras, palavras e números: caligrafar gestos da escrita e da vida in Mignot, Maria Crystina Venancio. **Catálogo da Exposição “Não me esqueça num canto qualquer”**, 2008.

BRASIL/MEC. Ministério da Educação. **Manual do pacto: Pacto pela Alfabetização na Idade Certa: o Brasil do futuro com o começo que ele merece**. Brasília/DF, 2012.

\_\_\_\_\_. Pró-Letramento: Programa de Formação Continuada de Professores dos

Anos/Séries Iniciais do Ensino Fundamental: **alfabetização e linguagem**. – ed. rev. e ampl. incluindo SAEB/Prova Brasil matriz de referência/ Secretaria de Educação Básica – Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2008.

CAGLIARI, Luiz Carlos. **Alfabetização e Lingüística**. São Paulo: Scipione, 1999.

CHARTIER, Anne-Marie. Exercícios escritos e cadernos de alunos: reflexões sobre práticas de longa duração. In: CHARTIER, Anne Marie. **Práticas de leitura e escrita**. História e atualidade. Belo Horizonte: Autêntica. CEALE. Coleção Linguagem e educação, 2007.

CHARIER, Roger. **Os Desafios da Escrita**. Tradução de Fulvia M.L. Moretto. São Paulo: editora Unesp, 2002.

CERTEAU, Michel de. A Operação Historiográfica. In: CERTEAU, Michel de. **A Escrita da História**. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1982.

D'ÁVILA, Antônio. **Práticas escolares** (De acordo com o programa de práticas de ensino do curso normal e com orientação do ensino primário). São Paulo, 7ª ed, 1º volume. Ed: melhoramentos, 1955.

FERREIRO, Emilia; TEBEROSKY, Ana. **Psicogênese da língua escrita**. Porto Alegre: Artmed, 2007.

FONTOURA. Afro de Amaral. **A escola viva Metodologia do ensino primário**. Rio de Janeiro, 9ª edição (3º volume) Editora: Aurora, 1963.

GVIRTZ, Silvina. **El discurso escolar a través de los cuadernos de clase: Argentina 1930 - 1970**. Buenos Aires: Eudeba, 1996.

GVIRTZ, Silvina; LARRONDO, Marina. Os cadernos de classe como fonte primária de pesquisa: alcances e limites teóricos e metodológicos para sua abordagem. In: MIGNOT, Ana Chrystina Venâncio (Org.). **Cadernos à vista: escola, memória e cultura escrita**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2008.

GROSSI, Esther Pillar. **Didática do nível pré-silábico**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990.

\_\_\_\_\_. **Didática do nível silábico**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990.

\_\_\_\_\_. **Didática do nível alfabético**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990.

HÉBRARD, Jean. Por uma bibliografia material das escritas ordinárias: a escritura pessoal e seus suportes. In: Mignot, A. C.V; Bastos, M.H.C. Cunha, M.T.S. (Org.). **Refúgios do eu educação, história, escritas autobiográficas**. Florianópolis: Mulheres, 2000.

MORAIS, Arthur Gomes de. **Sistema de escrita alfabética**. São Paulo: Editora Melhoramentos, 2012.

MORTATTI, Maria do Rosário. **Os sentidos da alfabetização: São Paulo/ 1876-1994**. São Paulo. Editora: UNESP, 2000.

PERES, Eliane. O ensino da linguagem na escola pública primária gaúcha no período da renovação pedagógica (1930 - 1950). In: PERES; Eliane; TAMBARA, Elomar (Org.). **Livros escolares e ensino da leitura e da escrita no Brasil (séculos XIX - XX)**,

Pelotas/RS: Seiva, 2003.

PETRUCCI, Armando. **La scrittura**. Ideologia e rappresentazione. Turin: Einaudi, 1986.

\_\_\_\_\_. **Le scritture ultime**. Ideologia della morte e strategie del lo scriveren el la tradizione occidentale, Turin: Einaudi, 1995.

\_\_\_\_\_. **La ciência de la escritura**: primera leccionde paleografia. Buenos Aires: Fondo de Cultura Econômica, 2002.

QUADROS, Claudemir de. Reforma, ciência e profissionalização da educação: o Centro de Pesquisas e Orientação Educacionais do Rio Grande do Sul. 429f. **Tese** (doutorado em Educação). Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre: UFRGS, 2006.

RODRIGUES, Marcos Henrique Camargo. Gutenberg e o letramento do ocidente. In: **Revista Educação e Linguagens**. Campo Mourão, v. 1, n. 1, ago./dez. 2012.

SANTOS Theobaldo Miranda. Noções de práticas de ensino. São Paulo, 3ª edição. Editora: Nacional, 1953.

\_\_\_\_\_. Metodologia do ensino primário. São Paulo, 6ª edição. Editora: Nacional, 1957.

SOARES, Magda. Apresentação a edição brasileira. In: CHARTIER, Anne Marie; HÉBRARD, Jean. **Ler e escrever entrando no mundo da escrita**. 1996.

\_\_\_\_\_. **Alfabetização: a questão dos métodos**. São Paulo: editora Contexto, 2016.

\_\_\_\_\_. **Aprender a escrever, ensinar a escrever**. In: ZACCUR, E. (org.). A Magia da Linguagem. Rio de Janeiro: DP&A: SEPE, 2001.

STEPHANOU, Maria; BASTOS, Maria Helena Câmara. Da sensibilidade das mãos à harmonia da escrita: Memórias, artefatos e gestos da caligrafia na história da educação. In: TRINCHÃO, Gláucia Maria da Costa (Org.). **Do desenho das belas letras à livre expressão do desenho da escrita**. Salvad: EDUFBA, 2012.

VIÑAO, Antonio. Os cadernos escolares como fonte histórica: aspectos metodológicos e historiográficos. In: MIGNOT, Ana Chrystina (Org.). **Cadernos à vista**. Escola, memória e cultura escrita. Rio de Janeiro: Ed. EdUERJ, 2008.

WEISZ, Telma. Apresentação. In: FERREIRO, Emilia; TEBEROSKY, Ana. **Psicogênese da língua escrita**. Porto Alegre: Artmed, 2007.

Submissão em: 10-02-2021

Aceito em: 02-03-2021